



A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DO ENSINO FUNDAMENTAL: OS PCNs EM DISCUSSÃO

DIAS, Clarissa Nicolodi¹
SOUZA, Antonio Escandiel de²

Resumo

Este artigo tem por objetivo promover uma discussão e, sobretudo, uma reflexão acerca da necessidade de uma formação profissional inicial e continuada de qualidade dos professores de Língua Estrangeira da rede básica de ensino. Através de uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais e de autores como Chalita (2004) e Tardif (2002), propõe uma discussão sobre como deve se dar essa formação e qual o papel do professor de LE do Ensino Fundamental. Enfoca também o ensino baseado na realidade social dos alunos, no uso das tecnologias e dos gêneros textuais como forma de superação das desigualdades sociais ainda tão presentes no cotidiano escolar.

Palavras-Chave: Formação continuada. Professor.

***Abstract:** This article aims to promote a discussion and, above all, a reflection on the need for initial and continuing vocational training quality of foreign language teachers of basic schools. Through an analysis of the proposals of the National Curriculum Parameters and authors like Chalita (2004) and Tardif (2002), it proposes a discussion on how it should be given such training and what LE Teacher role of elementary school. Also focuses on teaching based on the social reality of the students in the use of technologies and genres as a means of overcoming social inequalities still so in everyday school life.*

Keywords: Continuing vocational training. Teacher.

1. INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental são orientações básicas que abarcam as diferentes disciplinas de cada área do conhecimento, dentre elas a Língua Estrangeira (LE), presente no 3º e 4º ciclos.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Professora de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura. Bolsista PROSUP/CAPEs. clanicolodi@hotmail.com.

² Doutor em Linguística Aplicada. Docente coordenador do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. asouza@unicruz.edu.br.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

A aprendizagem da LE, de acordo com os PCNs (1998, p.15) “deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social”.

Como peça chave desse trabalho centrado em tornar o aluno sujeito socialmente atuante está a figura do professor, que é um dos responsáveis por proporcionar novas possibilidades de analisar, criticar e solucionar problemas. Porém, é impossível falar nesse professor com tamanha responsabilidade sem considerá-lo em sua caminhada acadêmica e em sua contínua formação profissional.

Atualmente, é comum que se fale sobre a formação continuada dos professores, inclusive os próprios governos municipais e estaduais têm mostrado interesse em promover esta prática. O grande problema está centrado na forma como está sendo feita essa formação, o que tem sido alvo de muitas críticas principalmente por parte dos próprios professores.

O presente trabalho visa promover uma reflexão acerca da necessidade do estímulo ao constante aprimoramento, bem como da consciência por parte do próprio professor de que este é imprescindível desde o início até o final de sua carreira docente.

Ao analisar uma questão tão relevante como essa, é necessário que se considere, em primeiro lugar, alguns dos objetivos do Ensino Fundamental. De acordo com os PCNs (1998, p. 55 e 56):

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

A escola, e conseqüentemente os professores, têm uma importante tarefa, tornando seus alunos aptos a analisar, criticar, opinar e atuar social e politicamente em uma sociedade



marcada pela desigualdade e exclusão, pela hegemonia do dinheiro e pelos interesses de uma minoria detentora do poder. Nesse contexto, é inegável o papel da educação como meio de acesso a ambientes de pessoas intelectualizadas e como forma de superação das discriminações e diferenças sociais, o único meio pelo qual o sujeito muda a sua realidade e conseqüentemente a daqueles que com ele convivem. Fairclough (2008, p. 100) afirma:

[...] ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos. Assim, seus procedimentos e suas práticas podem ser investidos política e ideologicamente, podendo ser posicionados por eles como sujeitos (e 'membros'). Argumentaria também que a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais, dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência.

Fica evidente, portanto, que através do discurso, do conhecimento e do acesso à informação, os indivíduos tornam-se não só parte dos processos de mudança social, como também sujeitos, capazes de refletir e agir criticamente por meio das lutas pela igualdade e por oportunidades.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Língua Estrangeira no Ensino Fundamental e os PCNs

O ensino da LE inicia-se a partir do 6º ano do EF, momento este marcado por profundas transformações na vida pessoal e escolar dos estudantes. Ao mesmo tempo em que eles estão passando por grandes transformações físicas e psicológicas, na vida escolar as transformações são marcantes, principalmente o fato de que as disciplinas são agora ministradas por diferentes professores, com cargas horárias específicas.

A LE é uma das grandes novidades dessa nova etapa, e, se trabalhada de forma adequada, pode ser uma disciplina muito atraente e dinâmica. O problema consiste exatamente na forma como se tem trabalhado na maioria das escolas. O ensino está sendo focado na repetição de palavras soltas, sem qualquer relação com a realidade, regras



gramaticais descontextualizadas, que muitas vezes são repetidas até os anos finais do Ensino Médio.

Os PCNs (2006, p. 63) prevêm que o ensino da LE esteja focado na *função social* que esta disciplina tem. A leitura como meio de compreender o contexto deve ser o ponto central de trabalho, mas também as demais habilidades como a escrita e a fala devem ser estimuladas.

Já está mais do que provado que o aluno só se interessa por coisas que tenham relação com sua vivência, portanto é imprescindível que os assuntos abordados em textos e discussões de sala de aula façam parte da sua realidade. De acordo com Chalita (2004, p. 141):

Essa geração tem mais informação do que qualquer outra em todos os tempos. Internet, televisão, cinema, revista, jornais – mesmo que optando por alguns cadernos mais atraentes que informativos – são fontes riquíssimas de informação. Talvez a dificuldade esteja em transformar essa informação em conhecimento. É exatamente aí que começa a atuar o professor que percebe o interesse do aluno e o direciona. Imaginem uma mesa de jantar em que só há profissionais do mercado financeiro e dois outros convidados de outras profissões quaisquer. Se a conversar versar toda ela sobre as cotações da bolsa de valores, os dois estranhos parecerão não só desinformados como desinteressados do assunto em pauta.

Cabe ao professor selecionar textos que vão ao encontro do que interessa aos seus alunos, considerando que esse já conhece o contexto social do qual faz parte a escola na qual atua e os sujeitos que dela fazem parte. Dessa forma, está capacitado a eleger temas que se relacionem com o cotidiano e as vivências dos estudantes, que chamem a atenção deles e façam com que reflitam sobre o seu dia a dia, tornando o ensino efetivo.

2.2 A formação do professor de Língua Estrangeira

Por muito tempo, a figura do professor esteve associada a alguém que detinha o conhecimento teórico e sua missão era transmiti-lo aos seus alunos, sem considerar todos os aspectos que compõem esse complicado sistema. No entanto, com o passar dos anos, na medida em que o professor é percebido como elemento central no processo de ensino/aprendizagem, não mais como um detentor de saberes absolutos, a discussão ganha um novo rumo. Aliada a isso, surge a questão da formação profissional, considerada desde a academia até o constante aperfeiçoamento ao longo da carreira.



É necessário pensar na atuação profissional considerando-o como um pesquisador, que muitas vezes, mesmo longe dos bancos universitários desde os tempos de formação acadêmica, desenvolve constantemente trabalhos de pesquisa e ação, ao detectar problemas na sua prática e buscar, por meio de teóricos e análises, possíveis soluções. Para Tardif (2010, p. 234):

Se assumirmos o postulado de que os professores são atores competentes, sujeitos ativos, devemos admitir que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática. Noutras palavras, o trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício de professor. Essa perspectiva equivale a fazer do professor – tal como professor universitário ou o pesquisador da educação – um sujeito do conhecimento, um ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação.

Nesse sentido, é possível compreender que o professor deve pautar seu fazer pedagógico na perspectiva de elaborar e propor práticas que condigam com o seu cotidiano, analisado a partir das experiências vivenciadas todos os dias em sala de aula. No entanto, ele necessita de um aparato teórico e de compartilhar experiências com outros professores, para que haja uma construção coletiva e compartilhada, entendendo a educação sob uma ótica de partilha de experiências, pensando-a como algo que se constrói e desconstrói continuamente, algo que jamais estará acabado. É nesse momento que emerge a formação continuada.

Para que se analise a importância dessa formação, deve-se partir do princípio de que, como sujeitos conscientes das constantes transformações sociais, os professores entendem que a educação deve ser pensada e repensada, analisada sob diversos pontos de vista e discutida incansavelmente, em todos os seus mínimos detalhes. Mais ainda, entendem que como formadores de opinião, como exemplos de conduta e muitas vezes como referência pessoal que acabam se tornando para os alunos, devem manter uma postura de equilíbrio e ética. Chalita (2004, p. 162) enfatiza:

A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação, mas a



formação continuada, ampla, as atualizações e o aperfeiçoamento. Não basta que um professor de matemática conheça profundamente a matéria, ele precisa entender de psicologia, pedagogia, linguagem, sexualidade, infância, adolescência, sonho, afeto, vida. Não basta que o professor de geografia conheça bem sua área e consiga dialogar com áreas afins como história; ele precisa entender de ética, política, amor, projetos, família. Não se pode compartimentar o conhecimento e contentar-se com bons especialistas em cada uma das áreas.

A formação continuada proporciona ao professor o contato com novas experiências, sejam elas bem ou mal sucedidas, que o ajudarão a resignificar sua prática. O contato entre os pesquisadores dos bancos universitários e os professores da rede básica de ensino traz ganhos para as duas partes, à medida que proporciona a troca de conhecimentos e a visão da educação em diferentes perspectivas, ambas fundamentais na constituição dos processos de ensino/aprendizagem.

2.3 A Língua Estrangeira, os gêneros textuais e a tecnologia

É inegável que cada vez mais a tecnologia não pode estar separada das práticas educativas escolares. No entanto, ela jamais pode substituir o trabalho do professor. Portanto, cabe a ele conciliar as práticas de ensino ao uso das mídias. De acordo com os PCNs (1998, p. 153):

É importante que os alunos tenham os recursos tecnológicos como alternativas possíveis para a realização de determinadas tarefas. A escola deve possibilitar e incentivar que os alunos usem seus conhecimentos sobre tecnologia para apresentar trabalhos escritos das diferentes áreas; pesquisar sobre assuntos variados; confeccionar convites, informes, folhetos, listas; realizar cálculos; exercitar habilidades matemáticas por meio de programas, jogos etc.; sem que a realização dessas atividades esteja necessariamente atrelada a uma situação didática planejada pelo professor.

Utilizar a tecnologia como aliada de uma prática pedagógica concreta e atualizada é o grande desafio. Não basta simplesmente colocar os alunos cara a cara com um computador. É necessário orientá-los, mostrar-lhes algumas das infinitas possibilidades que essa máquina e a



internet podem lhes trazer. Nesse sentido, volta-se também ao trabalho com os gêneros textuais.

Ao professor de LE, cabe a tarefa de selecionar textos que, além de serem de interesse dos alunos e compatíveis com sua faixa etária, abarquem os diferentes gêneros, proporcionando-lhes conhecer variadas formas de comunicação. Segundo Bakhtin (2003, p. 285 e 286):

A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc., o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso.

O ensino que utiliza o trabalho com os gêneros proporciona ao aluno o contato com variadas formas de expressão oral e verbal, permitindo-lhe compreender de maneira mais clara as relações entre emissor/receptor e possibilitando-lhe sentir-se parte do processo de comunicação, ao perceber que o ensino dá conta das variedades comunicativas, que todos os enunciados pertencem a determinados gêneros e que eles devem ser valorizados.

3. METODOLOGIA

Este artigo trata-se de uma proposta de estudo para a formulação de uma dissertação de mestrado, portanto, utiliza-se a pesquisa bibliográfica como metodologia. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida principalmente a partir de livros e artigos científicos. Gil (2008) afirma que a pesquisa bibliográfica tem como principal vantagem permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Torna-se cada vez mais importante a partir do momento em que o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.



4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A solução ou pelo menos a possibilidade de melhoria de um problema começa pela percepção de que ele existe e de que é necessário que haja uma mudança. O professor deve ser capaz de analisar e refletir sobre sua prática. Celani (2009) ressalta essa necessidade de que o professor seja pesquisador, sendo necessárias práticas reflexivas desde o início do seu processo de formação. A autora enfatiza que a reflexão é o meio de preparar o profissional para sentir-se pesquisador de sua prática.

Os PCNs são a base legal que sustenta o fazer pedagógico de um professor. Não devem ser vistos como receitas, mas sim como uma das orientações do docente, que deve conhecê-los e empregá-los de acordo com a realidade dos seus alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir acerca da educação e de todos os processos que a envolvem, como a formação de professores, por exemplo, é uma tarefa difícil e ao mesmo tempo fundamental. É preciso que se apontem novos rumos e novas propostas para guiar os professores, não como uma maneira de negar o que tem sido feito até hoje, mas como uma forma de encarar a realidade educacional como um processo que está em constante transformação, uma vez que envolve seres humanos. Para Tardif (2010, p. 286):

Enquanto profissionais, os professores são considerados práticos refletidos ou “reflexivos” que produzem saberes específicos ao seu próprio trabalho e são capazes de deliberar sobre suas próprias práticas, de objetivá-las e partilhá-las, de aperfeiçoá-las e de introduzir inovações susceptíveis de aumentar sua eficácia. A prática profissional não é vista, assim, como um simples campo de aplicação de teorias elaboradas fora dela, por exemplo nos centros de pesquisa ou nos laboratórios. Ela torna-se um espaço original e relativamente autônomo de aprendizagem e de formação para os futuros práticos, bem como um espaço de produção de saberes e de práticas inovadoras pelos professores experientes.

Nessa perspectiva, é evidente a necessidade da aproximação dos pesquisadores universitários com os professores da rede básica, num trabalho conjunto de discussão,



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

reflexão e ação, pautado na detecção de problemas e na proposta de novas práticas que encontram solo firme na realidade social e cultural das escolas.

A partir disso, a formação continuada só tem a trazer benefícios para todos os envolvidos, uma vez que proporciona aos pesquisadores o conteúdo necessário às suas pesquisas, aos professores uma possibilidade de pensar seu fazer profissional e melhorá-lo cada vez mais, ao aluno a percepção de que ele é valorizado e de que a escola pensa nele, em trazer-lhe o que há de melhor. Os PCNs (1998, p. 44) dizem que:

É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e, ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade. É igualmente importante que ela favoreça a produção e a utilização das múltiplas linguagens, das expressões e dos conhecimentos históricos, sociais, científicos e tecnológicos, sem perder de vista a autonomia intelectual e moral do aluno, como finalidade básica da educação.

A consciência da importância de manter-se sempre atualizado, por dentro do que é novidade e do que faz parte da realidade dos jovens de hoje, que é diferente do que era novo para os jovens de cinco anos atrás, é tarefa do professor. Porém, as escolas, por meio de seus diretores e equipe de gestão, bem como os governos, têm a missão de proporcionar aos profissionais momentos de troca de experiências efetivamente válidos, possibilidades de ingresso a cursos de pós-graduação e cursos de atualização. A educação e a formação de professores precisam, com urgência, ser vistas como algo alheio a interesses políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão.**
In: LEFFA, V. J. (Org.). O professor de línguas: construindo a profissão. Pelotas: EDUCAT,
p. 21-40, 2001.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Universidade de Brasília,
2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas S. A.,
2008.

PCNs. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998.
Disponível online: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em 20 de
setembro de 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.